



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 21, n. 3, art. 11, p. 224-246, mar. 2024

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2024.21.3.11>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



MIAR



Diadorim

Afrocentricidade, Literatura e Transformação Social: Uma Etnografia em uma Casa de Candomblé

Afrocentricity, Literature and Social Transformation: An Ethnography in a Candomblé Temple

Leonardo Silva de Araújo

Graduação em Administração pela Universidade do Grande Rio

leoraujo@eba.ufrj.br

Renan Gomes de Moura

Doutor em Administração pela Universidade do Grande Rio

moura.renangomesde@gmail.com

Endereço: Leonardo Silva de Araújo

Universidade do Grande Rio, R Professor José de Souza Herdy, 1160 - Jardim Vinte e Cinco de Agosto, Duque de Caxias - RJ, 25071-202. Brasil.

Endereço: Renan Gomes de Moura

Universidade do Grande Rio, R Professor José de Souza Herdy, 1160 - Jardim Vinte e Cinco de Agosto, Duque de Caxias - RJ, 25071-202. Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 23/12/2023. Última versão recebida em 08/01/2024. Aprovado em 09/01/2024.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O presente artigo busca analisar a importância da leitura para a transformação sociocultural de crianças pertencentes a religiões de afro-brasileiras, a partir de uma abordagem afrocentrada. Para a realização da pesquisa, foi realizada uma etnografia em um terreiro de candomblé, nação Ketu, localizado no estado do Rio de Janeiro. A literatura afrocentrada para crianças é uma ferramenta poderosa para promover a diversidade, a inclusão e a compreensão mútua. Ela capacita as crianças a abraçarem sua herança cultural, a questionarem a injustiça e a celebrarem a riqueza da diversidade humana. Portanto, é fundamental que pais, educadores e bibliotecários incentivem a leitura de livros que representem e celebrem a cultura africana e afrodescendente.

Palavras-chave: Afrocentricidade. Orixás. Leitura. Candomblé. Etnografia.

ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of reading for the sociocultural transformation of children belonging to Afro-Brazilian religions from an Afrocentric approach. To conduct the research, an ethnography was carried out in a Candomblé yard, Ketu nation, located in the state of Rio de Janeiro. Afrocentric literature for children serves as a powerful tool to promote diversity, inclusion, and mutual understanding. It empowers children to embrace their cultural heritage, question injustice, and celebrate the richness of human diversity. Therefore, it is crucial for parents, educators, and librarians to encourage reading books that represent and celebrate African and Afro-descendant culture.

Keywords: Afrocentricity, Orishas. Reading. Candomblé. Ethnography.

1 INTRODUÇÃO

A mediação de leitura é uma atividade importante na vida das crianças. Na verdade, a leitura deve ser praticada desde a gravidez, ou seja, os pais são os primeiros responsáveis pelo incentivo à leitura. Ler é uma prática diária que deve estar presente, seja em casa, na escola ou até mesmo em um passeio de final de semana. A leitura deve estar sempre disponível e de fácil acesso para as crianças. Ler é estar em sintonia com o mundo que se lê e, para as crianças, o importante é que a leitura seja compreensível e de fácil assimilação. Nesse sentido, no campo da religiosidade, especificamente das matrizes africanas, a leitura para crianças do candomblé é uma tarefa bem trabalhosa, uma vez que estamos tratando de diversos pontos culturais e religiosos.

Segundo Brito (2009), o conceito de leitura frequentemente se associa à decifração dos códigos linguísticos e ao processo de aprendizagem. No entanto, não podemos ignorar a influência do processo de formação social desse indivíduo, suas habilidades, bem como sua cultura política e social. Mediar a leitura para crianças do candomblé seria abrir portas para a educação social, contribuindo para a valorização de seus costumes por meio da leitura. De acordo com Souza (1992), a leitura é um processo incrivelmente enriquecedor que não pode ser limitado por definições restritas. Considerá-la apenas como a simples decodificação de sinais com sentido intrínseco não é suficiente. É necessário enxergar o leitor como alguém que atribui significados e nesse processo devemos levar em consideração como a bagagem cultural do receptor interfere na decodificação e interpretação da mensagem (SOUZA, 1992).

Cafiero (2005, p. 9) relata que a leitura é considerada uma atividade ou um processo cognitivo de construção de significados que ocorre quando sujeitos sociais estão imersos em um determinado contexto histórico e cultural. Entender a leitura como um processo de construção de significados implica reconhecer que, ao ler um texto, a pessoa não está simplesmente traduzindo literalmente a intenção do autor, mas sim está criando significados em um contexto de comunicação específico, com base no material escrito fornecido pelo autor.

De acordo com Yunes (2009), a ação de leitura não se limita apenas à compreensão do mundo presente no texto, seja ele escrito ou não. A leitura requer a ativação do conjunto de conhecimentos do outro, ou seja, do leitor, a fim de atualizar o universo do texto e atribuir significado à vida, que é o verdadeiro contexto em que o texto ganha vida (YUNES, 2009). Aprender a ler envolve familiarizar-se com diversos tipos de textos produzidos em várias esferas sociais, como a jornalística, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica,

cotidiana, midiática, literária, publicitária, entre outras (YUNES, 2009). Isso ajuda a desenvolver uma postura crítica, ou seja, a habilidade de discernir, capacitando a pessoa a identificar as vozes presentes nos textos e a sentir-se apta a se expressar diante deles (YUNES, 2009).

Nesse contexto, a identificação de uma literatura específica como parte do cenário afrodescendente se torna relevante ao destacar uma esfera cultural historicamente negligenciada no contexto crítico e ao questionar a tendência eurocêntrica que muitas vezes permeia os princípios adotados pela academia (DUARTE, 2005, p.117). A literatura afro-brasileira pode ser compreendida como uma produção que vai além da perspectiva individual, uma vez que a voz narrativa presente no texto reflete as aspirações de toda uma comunidade negra (PIRES *et al.* 2005). Para que uma obra seja considerada uma referência, não é suficiente apresentar personagens negros e abordar questões relacionadas ao preconceito (PIRES *et al.* 2005). É crucial também analisar a forma como o texto e a ilustração são cuidadosamente elaborados (PIRES; SOUSA; SOUZA2005).

A literatura afro-brasileira pode ser conceituada também como uma produção que reflete uma enunciação coletiva, ou seja, a voz que se manifesta no texto representa as aspirações de toda uma comunidade negra (PIRES; SOUSA; SOUZA2005). No entanto, para que um livro se torne uma obra de referência, não é suficiente apresentar personagens negros e tratar de questões relacionadas ao preconceito. É fundamental considerar a maneira como o texto e as ilustrações são elaborados (PIRES; SOUSA; SOUZA2005).

Para Jovino (2006. P. 216), os livros que retomam traços e símbolos da cultura afro-brasileira, “tais como as religiões de matrizes africanas, a capoeira, a dança e os mecanismos de resistência diante das discriminações, objetivam um estímulo positivo e uma autoestima [...]”. Mediante esse contexto, a afroliteratura pode ser encarada como uma expressão da afrocentricidade.

A ideia afrocêntrica se relaciona principalmente com a proposta epistemológica de considerar o ponto de partida. Dado que os africanos passaram por deslocamentos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é crucial que qualquer análise de suas condições em qualquer país leve em consideração uma perspectiva centrada na África e sua diáspora. Inicialmente, devemos entender a afrocentricidade como uma forma de pensamento, prática e perspectiva que reconhece os africanos como sujeitos e agentes, influenciando a própria representação cultural e agindo de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009, p.93).

Observa-se que o candomblé se constitui em um intrincado conjunto de imagens em que cultura e símbolos se entrelaçam, dando origem ao espaço sagrado do Terreiro. É nesse ambiente que se desenrola a dramaturgia religiosa, unindo o povo de santo e os simpatizantes desta fé. “O imaginário no Candomblé se configura a partir de toda uma construção mitológica que é interpretada pelo imaginário das danças e pela riqueza dos movimentos que contornam ética e esteticamente a vida do Povo do Santo” (CORREIA, 2013, p. 17). Mediante esse contexto, questiona-se: Qual a relevância da literatura afrocentrada na transformação sociocultural de crianças que fazem parte de religiões afrodiáspóricas?

Buscando responder à pergunta proposta, este artigo procura analisar a relevância da literatura afro centrada na transformação sociocultural de crianças que fazem parte de religiões afrodiáspóricas, adotando uma abordagem centrada na cultura africana.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A mediação de leitura para crianças de candomblé: uma etnografia

Na linguagem comum, há uma confusão entre "trabalho de campo" e etnografia. Na verdade, o trabalho de campo não é exclusivo da Antropologia, nem foi inventado por ela. Geógrafos, geólogos e psicólogos também realizam trabalho de campo. Desde o final do século XIX, muitos pesquisadores têm ido a campo para testar teorias com base em evidências empíricas. No entanto, o campo antropológico implica não apenas observar ou coletar amostras, mas algo mais complexo: uma imersão prolongada, uma observação sistemática, uma interação efetiva (em língua nativa), envolvendo uma mistura de relações como aliança, cumplicidade, amizade, respeito, coerção e uma tolerância irônica (CLIFFORD, 1999, p. 94).

A prática etnográfica é essencialmente moldada pela curiosidade e abordagem do próprio etnógrafo (MATTOS, 2011). Por isso, as técnicas e procedimentos usados não seguem uma estrutura fixa, mas sim o discernimento adquirido pelo etnógrafo durante sua imersão no contexto social da pesquisa (MATTOS, 2011).

Para Mattos (2011), os métodos de coleta e análise nesse tipo de pesquisa frequentemente precisam ser adaptados ou recriados para se adequar à realidade do campo. Em geral, o curso da pesquisa etnográfica é influenciado, explícita ou implicitamente, pelas questões levantadas pelo pesquisador (MATTOS, 2011). Ainda, segundo a autora, a “Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de

observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo” (MATTOS, 2011, p.54).

Quando começamos a esboçar a ideia desta pesquisa, pensamos em compreender como a leitura poderia contribuir para melhorar a vida cultural e social das crianças que, por acompanharem seus pais, passam grande parte de seu tempo e até de suas vidas dentro de barracões de candomblé. Isso contrasta com a visão dos costumes protestantes, que, por sua vez, concentram suas práticas em atividades litúrgicas, não culturais, direcionadas ao seu público. No entanto, o foco desta pesquisa não se limitava apenas à contação de histórias de seus antepassados, mas também ao ensino e à prática da leitura, seja mediada ou não.

Conhecer o espaço foi fundamental, embora desafiador, uma vez que a maioria das casas de candomblé não envolve crianças em suas atividades. Além disso, alguns mostraram hesitação em receber pessoas de fora de sua comunidade religiosa. É comum que alguns sacerdotes de candomblé não abram suas casas para tais atividades, e é importante que, como indivíduos, respeitemos a singularidade de cada um.

Na construção desta pesquisa, pudemos observar que a atividade de mediação de leitura não tinha apenas o objetivo de instilar nas crianças o gosto e a prática da leitura dentro de seu próprio espaço, mas também além de seus limites físicos. Isso se deve ao fato de que toda atividade educacional tem a responsabilidade de transcender barreiras para promover crescimento pessoal, social e cultural. E, no contexto dos terreiros de candomblé, isso não poderia ser diferente.

Observar a atividade de mediação de leitura de literatura infantojuvenil afro-brasileira não é uma tarefa fácil, especialmente dentro de seu espaço sagrado. A ideia que foi transmitida é a de que se trata de uma quebra de paradigmas, como se ali fosse e, de fato, é uma luta contínua por direitos e deveres. Mais do que isso, é uma batalha diária contra o preconceito, a intolerância religiosa e o racismo estrutural. A mediação de leitura para crianças de candomblé tem uma de suas principais responsabilidades em oferecer um espaço onde essas crianças tenham a oportunidade de expressar suas vozes e experiências.

Foi proposta pelo mediador uma literatura que se expressasse de maneira clara e acessível para que as crianças pudessem compreender facilmente as histórias narradas. Isso porque, ao abordar a literatura africana, frequentemente encontramos muitas palavras em Iorubá, a língua africana nativa dos cultos afro-brasileiros. Durante a pesquisa, percebeu-se que a coleção "Orixás para Crianças," que ainda estava em processo de publicação na época, intitulada "Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá," de autoria de Waldete Tristão e Caco Bressane, da Editora Arole Cultural, era uma das preferidas das crianças. Ao iniciar o estudo

das imagens e dos textos, constatou-se que esse livro era tanto lúdico quanto educativo. Ele apresenta às crianças os habitats dos Orixás, suas formas de culto, suas saudações e peculiaridades, tornando o aprendizado sobre essas figuras espirituais rico e envolvente.

Figura 1 – Capa do Livro Conhecendo os Orixás: de Exu a Oxalá



Fonte: Tristão (2018)

A cada leitura, era evidente a interação crescente das crianças, especialmente quando as histórias narradas faziam parte de seu cotidiano. A atividade de mediação de leitura torna-se cativante quando as histórias têm relevância para a vida das crianças. É importante que a leitura nunca seja imposta como uma obrigação, mas sim oferecida como uma oportunidade, pois o livro deve despertar o interesse das crianças por assuntos que as levem a refletir sobre a história e sua aplicabilidade em suas vidas. Isso coloca a criança em um contexto no qual ela pode reformular suas perguntas, contribuindo assim para seu aprendizado e experiências.

De acordo com Britto (2006, p. 84), "ler é uma ação intelectual, na qual os sujeitos processam informações codificadas em textos escritos com base em suas experiências, conhecimentos e valores prévios". Para Soares (1988, p. 28), a leitura é um ato político e, portanto, é extremamente relevante em contextos sagrados, como os terreiros de candomblé. Para a realização da atividade de mediação de leitura, observou-se que, inicialmente, foi desenvolvida uma acolhida com as crianças, permitindo que elas se sentissem à vontade e abertas para qualquer tipo de diálogo. A mediação de leitura é, afinal, um diálogo baseado no

que é ouvido durante as sessões. Nessa etapa inicial, distribuíram-se desenhos e lápis de cor às crianças, proporcionando-lhes uma atividade descontraída de colorir desenhos com figuras dos orixás. Nesse momento, já se percebeu o interesse das crianças por histórias relacionadas aos Orixás.

Iniciaram-se as sessões de mediação de leitura com quatro exemplares de títulos diferentes: "Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá", "Exu: dois amigos e uma luta", "Ogum: o inventor de ferramentas" e "Oya: a mãe que não abandona os filhos". Após discussão e decisão conjunta entre as crianças, o título escolhido foi "Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá". Mostrou-se o livro para as crianças, exibindo a capa e todas as páginas, e cada criança teve a oportunidade de manusear o livro individualmente. Essa abordagem também serviu como um estímulo prático para a prática da leitura, enfatizando a importância do contato físico com o livro.

A mediação de leitura deve ser conduzida pelo tempo necessário para que cada criança assimile as histórias em seu próprio ritmo e de sua própria maneira. Posteriormente, é fundamental discutir as histórias, relacionando-as às questões do cotidiano das crianças. Observou-se a diferença entre as crianças, mas todas compartilhavam o hábito da curiosidade e o desejo de buscar informações por meio da mediação de leitura. Algumas crianças, em particular, gostavam de ouvir a mesma história várias vezes, o que exigia dos mediadores de leitura uma disposição para atender a essas preferências individuais.

A mediação de leitura para crianças de candomblé é um compromisso em transformar esses espaços em locais de aprendizado, onde a leitura está intrinsecamente ligada ao ambiente, suas manifestações e preferências. Nas palavras de Luft (2011): "A leitura é um processo de interatividade, implicando a explicitação do modo como o leitor visualiza o mundo, dos valores que subjazem às suas manifestações e do encaminhamento da significação do texto original observadas essas nuances".

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Oxum, rainha das águas doces

Como o livro tinha uma ordem, foi perguntado às crianças, devido ao espaço limitado, qual história elas gostariam de ouvir primeiro. A resposta era bastante previsível, e assim abrimos a página que apresentava o Orixá Oxum. Essa divindade é a representação das águas doces e da maternidade, abrangendo tudo o que os seres humanos podem desfrutar dos rios. A

partir desse ponto, as sessões de mediação de leitura foram além da prática da leitura em si e se concentraram na responsabilidade de cuidar do meio ambiente. Além de promover o empoderamento étnico-racial, a leitura também desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do senso crítico e na formação de opinião das crianças. Foi questionado às crianças sobre a importância da água potável, e algumas delas puderam responder sobre a necessidade de não poluir os rios e suas margens. Isso destacou como a mediação de leitura pode ser uma ferramenta poderosa para transmitir valores importantes, como a preservação do meio ambiente e a conscientização sobre questões críticas. Segundo Verger (1999, p. 399), Oxum:

(...) imita o comportamento de uma mulher vaidosa, que vai banhar-se no rio, enfeita-se com colares e pulseiras, agita os braços para fazê-los tilintar, abana-se graciosamente e contempla-se com satisfação em um espelho. Ela é saudada pela exclamação “Ore ye yeo”. (...) é simbolizada por seixos de rios, sobre os quais são colocados pulseiras, colares e leques de cobre.

Oxum representa a essência da feminilidade, sendo sempre muito perspicaz e à frente de seu tempo. Onde quer que Oxum coloque suas mãos, ela semeia amor, tanto na terra quanto nos corações dos homens. Trabalhar com a história de Oxum, especialmente para as meninas negras, é fundamental para a construção de sua identidade feminina. Oxum é retratada como uma princesa africana que não carrega seu espelho apenas para admirar a si mesma, mas também para refletir longe de si tudo o que não é bom. De acordo com Nascimento (2014, p. 14-15):

Oxum, a orixá que reina nas águas doces correntes (rios, cachoeiras...), carrega consigo um espelho, o abebé. Muitas vezes ela é chamada, por isso, de vaidosa. Diferentemente dessa leitura tradicional, na qual espelho é associado a vaidade e beleza física, proponho a compreensão desse espelho como fonte de autoconhecimento e reconhecimento, onde uma se mira para mais se compreender.

Figura 2 – Ilustração representando a Orixá Oxum

Fonte: Tristão (2018)

A sessão de mediação de leitura prosseguiu após uma pausa para debater a importância de Oxum na Terra, já que ela foi designada por Obatalá para cuidar dos rios e cachoeiras. Durante a mediação de leitura, todas as histórias do livro foram abordadas, mas para os propósitos desta pesquisa, optou-se por relatar as atividades realizadas com as histórias de Oxum, Ogum, Iemanjá e Xangô.

3.2 Ogum, o Deus do ferro e dos caminhos

Ogum é considerado filho de Iemanjá com Oxalá, sendo um Orixá de grande conhecimento e respeito. Ele é responsável, junto com seu irmão Bara/Exu, pelos caminhos e estradas, sendo também o senhor da agricultura e da forja de aço. Além disso, Ogum desempenha o papel de trazer alimentos para sua aldeia e é um grande protetor dos animais. Quando Ogum desce à Terra, ele gosta de dançar, como se estivesse em meio a uma batalha.

Figura 3 – Ilustração representando o Orixá Ogum

Fonte: Tristão (2018)

Ogum é considerado um dos Orixás mais importantes, pois cabe a ele o início de todas as coisas, sendo o protetor dos caminhos daqueles que desejam explorar o desconhecido. Falar sobre essa divindade é relevante, uma vez que a mediação de leitura também envolve a exploração de novos mundos e horizontes no imaginário das crianças.

É crucial destacar que a mediação de leitura pode abordar temas considerados delicados, e essa sensibilidade é ainda mais relevante quando se trabalha com crianças. Os adultos têm um papel significativo na formação de opiniões das crianças, e, portanto, a imparcialidade é uma responsabilidade importante. Durante nossa observação, ficou evidente a dificuldade de discutir certos tópicos com crianças do candomblé, como a demonização dos deuses iorubanos.

É fundamental abordar essas questões com cuidado e sensibilidade, garantindo que a mediação de leitura seja uma oportunidade para promover compreensão e respeito pelas crenças e culturas dos outros, ao invés de perpetuar estereótipos negativos. Isso ressalta a importância de um mediador de leitura ser sensível às necessidades e crenças das crianças, ao mesmo tempo em que fornece informações precisas e equilibradas.

Foi solicitado às crianças que indicassem lugares em seu ambiente cotidiano em que elas viam representações da natureza, e suas respostas foram imediatas. Elas mencionaram lugares como a linha do trem, a lagoa, as matas e a rua onde o asé (templo religioso) está localizado, todos esses lugares com representações dos Orixás. Isso ilustra como a mediação de leitura tem o poder de transportar as crianças de terreiro de candomblé para outros espaços e ambientes que são exclusivamente delas. Essa abordagem estimula a parte lúdica e artística das crianças, contribuindo para o desenvolvimento de seus sentidos. Além disso, ajuda na educação escolar fora do asé, uma vez que a leitura expande os horizontes das crianças, permitindo que elas explorem o mundo de maneiras novas e emocionantes.

Em certo momento, percebeu-se a aproximação de alguns adultos e me preocupei em continuar observando as atividades das crianças. Surpreendentemente, os adultos estavam tão envolvidos com a leitura quanto as crianças, o que foi uma experiência única. Até aquele momento, eu não havia visto tanto entusiasmo por parte dos adultos, mas percebi que, devido ao contexto religioso, o interesse deles era principalmente voltado para a busca de conhecimento sobre seus antepassados divinizados.

A roda de conversa com as crianças estava muito interessante, e elas participaram ativamente de todas as discussões sobre o livro e os Orixás. Segundo Warschauer (2001), além de aprimorar a habilidade de argumentação lógica, a prática não apenas envolve a presença física do outro, mas também requer o desenvolvimento das habilidades interpessoais, como o manejo das emoções, o respeito mútuo, a capacidade de ouvir atentamente, expressar-se adequadamente, aguardar a vez de falar, participar ativamente na conversa, lidar com as diferenças e o esforço de compreender o ponto de vista do outro, entre outras competências.

3.3 Odé, o grande caçador

Odé, também conhecido como Oxossi, é um dos orixás mais reconhecidos no Brasil. Sua importância reside na responsabilidade de caçar para alimentar sua aldeia ou comunidade. Assim como Ogum, Odé é um estrategista habilidoso e habita as florestas, protegendo-as da degradação frequentemente causada pelo ser humano. Odé é frequentemente celebrado nos terreiros de candomblé em todo o Brasil, e os mais antigos na religião afirmam que Oxossi é ágil, astuto e inteligente, pensando rapidamente para abater suas presas, sendo um caçador exímio.

Odé é um conhecedor dos segredos da floresta, dos animais e seres que nela habitam, bem como das fontes de alimento abundantes. Ele é considerado o orixá caçador, um defensor

daqueles que lutam pelo seu sustento e pelo de suas famílias. Ele desempenha esse papel sem prejudicar o meio ambiente e é responsável por fornecer alimentos aos seres humanos, sempre auxiliando aqueles que buscam sua proteção (asé). Odé zela pela Terra, vive em harmonia com o meio ambiente e equilibra o ecossistema e os seres que o habitam, incluindo os pássaros em seus voos. Segundo Verger (2018, p. 112):

Oxossi, o deus dos caçadores, teria sido o irmão caçula ou filho de Ogum. Sua importância deve-se a diversos fatores. O primeiro é de ordem material, pois, como Ogum, ele protege os caçadores, torna suas expedições eficazes, delas resultando caça abundante. O segundo é de ordem médica, pois os caçadores passam grande parte do seu tempo na floresta, estando em contato frequente com Ossain, divindade das folhas terapêuticas e litúrgicas, e aprendem com ele parte do seu saber. O terceiro é de ordem social, pois normalmente é um caçador que, durante suas expedições, descobre um lugar favorável à instalação de uma nova roça ou de um vilarejo. Torna-se assim o primeiro ocupante do lugar e senhor da terra (onfle), com autoridade sobre os habitantes que aí venham a se instalar posteriormente. O quarto é de ordem administrativa e policial, pois antigamente os caçadores (ode) eram únicos a possuir armas no vilarejo, servindo também de guardas-noturnos (oso).

Figura 4 – Ilustração representando o Orixá Odé



Fonte: Tristão (2018)

Com o itã de Odé/Oxosse observamos que as crianças tinham uma forte tendência em associar os orixás aos recursos naturais, achei importante a questão da caça para dividir em comunidade. Com o auxílio da leitura, podemos perceber o quanto a responsabilidade de mediar leitura é importante tanto para a propagação e valorização de seu culto como para o entendimento de mundo.

3.4 Iemanjá, a rainha do mar

A roda de leitura gerou entusiasmo tanto nas crianças quanto em alguns adultos presentes. Além de promover a leitura e a mediação de leitura, nossa preocupação sempre foi educacional, buscando ensinar o cuidado com o meio ambiente por meio da leitura, utilizando a imagem de seus antepassados divinizados em conjunto com os elementos da natureza. Isso destaca a importância da leitura na educação ambiental, que é o tema central desta pesquisa. De acordo com Seitz (2006, p. 38):

O ato de ler não é apenas ver o que está escrito. Ler é ser questionado pelo mundo e por si mesmo, é saber que certas respostas podem ser encontradas na produção escrita; é poder ter acesso ao escrito; é construir uma resposta que entrelace informações novas àquelas que já possuía. [...] proporciona a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alojamento do mundo para além dos limites de nosso quarto, mesmo sem sairmos de casa; é a exploração de experiências mais variadas, quando não podemos viver realmente. Por meio da leitura, em um ato aparentemente solitário, podemos dialogar com meios sociais e geográficos muito distantes do nosso, podemos dialogar com passados remotos e vivenciar experiências de outros momentos históricos.

Ao observar a prática, notei que eles sempre buscavam estabelecer conexões entre a leitura e as características dos Orixás que, em tempos remotos, viveram entre os seres humanos no aye (mundo terreno), cuidando e cultivando a terra, antes de serem divinizados e partirem para o orum (mundo espiritual). Eles procuravam mostrar às crianças a importância da sustentabilidade por meio da leitura.

A leitura também explorou outro elemento da natureza, que é governado por Iemanjá, um Orixá feminino. Iemanjá é frequentemente representada como uma sereia com seios volumosos e seu nome significa "mãe cujos filhos são peixes". Iemanjá é considerada a mãe dos pescadores, abençoando-os com boas pescas. No entanto, Iemanjá também é conhecida por punir aqueles que não cuidam do mar e o poluem. De acordo com um itan (história ou mito), as ondas do mar foram criadas para limpar todas as poluições causadas pelos seres humanos nos mares e rios, e esse poder foi concedido a Iemanjá por Oludumare.

Essa abordagem permite que as crianças compreendam não apenas a importância da leitura, mas também como ela pode estar intrinsecamente ligada à preservação do meio ambiente e ao respeito pela natureza, transmitido por meio dos ensinamentos dos Orixás.

Iemanjá é conhecida como a protetora dos filhos que choram e é considerada a mãe de todas as cabeças e de todos os Orixás. Ela é responsável por orientar e permitir que seus filhos sigam o fluxo das ondas da vida. Iemanjá é considerada filha de Olokun, o Deus dos mares, e é muito celebrada em 2 de fevereiro no Brasil, um dia consagrado a ela devido às bênçãos que seus devotos recebem. Ao contrário da representação que ganhou no Brasil, Iemanjá é tradicionalmente representada como uma figura negra. Na África, ela é cultuada nos rios, enquanto no Brasil, Iemanjá se tornou conhecida como a rainha do mar. De acordo com Nogueira (2017, p. 77):

Nós nos arriscamos dizer: Iemanjá pode ser entendida como um signo feminino que revela que bem e mal não são substâncias distintas. O mar tanto pode afogar quem pesca como é a base de sua honra. Portanto, o bem e o mal são maneiras de manifestação da mesma potência.

Figura 5 – Ilustração Representando A Orixá Iemanjá



Fonte: Tristão (2018)

Após a leitura sobre Iemanjá, começaram a buscar semelhanças entre o Orixá e o universo das crianças. Elas foram bastante diretas em suas respostas sobre a importância de preservar os rios, os mares, sua flora, fauna e a produção de alimentos, como peixes e sal. As crianças do asé também abordaram um tema crucial: o aquecimento global, expressando-o com suas próprias palavras.

Nesse momento, fica evidente a necessidade de realizar atividades como essa nos espaços litúrgicos, pois mais do que perpetuar uma cultura e religião, essas práticas promovem a responsabilidade em relação ao planeta e transmitem os ensinamentos deixados pelos ancestrais. Afinal, até os Orixás tiveram que aprender a cuidar da terra (aye).

À medida que a mediação de leitura continuava, a pesquisa observava as crianças relacionando as histórias dos Orixás com suas próprias vivências, tanto dentro do terreiro quanto em suas vidas cotidianas. Como em todo conto, há uma moral da história, e com as sessões de mediação de leitura não é diferente. Com a passagem da história de Iemanjá, as crianças destacaram a importância da preservação dos mares.

Essa conexão entre as histórias dos Orixás e questões ambientais reforça a relevância das atividades de leitura como uma ferramenta educacional não apenas para promover a literatura e a cultura afro-brasileira, mas também para sensibilizar as crianças sobre questões críticas, como a preservação do meio ambiente.

3.5 Xangô, o senhor da justiça e dos trovões

A mediação da leitura da história dos Orixás para crianças do candomblé é uma atividade culturalmente enriquecedora, pois engloba uma riqueza de valores e sabedoria transmitidos por antepassados divinizados que foram trazidos como escravizados em navios negreiros para o nosso país. Entre essas divindades, destaca-se Xangô, que representa o senso de justiça e foi um grande rei de Oyó, na África, sendo objeto de culto até os dias atuais.

Xangô é frequentemente associado à ideia de equilíbrio e imparcialidade. Diz a tradição que ele possui doze ministros, sendo que aqueles do lado esquerdo são responsáveis por condenar, enquanto os do lado direito absolvem as decisões. Essa representação simbólica de equilíbrio e justiça é um dos ensinamentos valiosos que a história de Xangô traz às crianças do candomblé.

Por meio roda de leitura da história sobre Xangô e outros Orixás, ela não apenas conecta as crianças com sua herança cultural e espiritual, mas também promove valores como respeito, equilíbrio, compreensão e empatia. É uma maneira poderosa de transmitir

conhecimento e tradição de geração em geração, enriquecendo suas vidas e fortalecendo sua conexão com suas raízes culturais.

Trabalhar o senso de justiça dentro de um terreiro de candomblé, especialmente com crianças, pode parecer um desafio considerando as contradições que existem, já que essas crianças cultuam um Deus que é o senhor da justiça, mas, ao mesmo tempo, enfrentam discriminação religiosa. Nesse contexto, a pesquisa precisou se afastar um pouco do mundo lúdico e abordar questões mais profundas, como o senso comum, o senso crítico e outros aspectos importantes.

Um dos pontos de partida foi iniciar um diálogo sobre o que é cultura. Em termos simplificados, cultura pode ser definida como um conjunto de atividades que abrange o conhecimento, as religiões ou crenças, as artes em geral, além da moral, da civilidade e dos costumes de um povo, que são adquiridos e compartilhados pelos membros dessa sociedade.

Essa exploração cultural proporcionou às crianças uma base sólida para compreenderem o contexto mais amplo de sua religião, bem como as complexidades e desafios que podem surgir. Além disso, estimulou o senso crítico, a capacidade de refletir sobre o mundo ao seu redor e a importância de valorizar e respeitar as diferentes culturas e crenças presentes na sociedade. Esse é um exemplo claro de como a mediação de leitura pode ir além do entretenimento e se tornar uma ferramenta educacional e de desenvolvimento pessoal. Para Storey (2015, p. 30), cultura nada mais é que:

[...] um lugar de luta entre a ‘resistência de grupos subordinados e as forças da ‘incorporação’ que operam a favor dos interesses de grupos dominantes. Cultura popular, nesse sentido, não é a cultura imposta, a dos teóricos da cultura de massa, nem aquela cultura antagonista que emerge espontaneamente, vinda de baixo, do ‘povo’— é um terreno de trocas e negociação entre as duas: um terreno, como já dito, marcado por resistência e incorporação.

Figura 6 – Ilustração representando o Orixá Xangô

Fonte: Tristão (2018)

Após a leitura completa do livro, que apresentou as identidades e particularidades dos dezesseis Orixás do panteão africano, com foco especial em Oxum, Ogum, Iemanjá e Xangô, foi realizada uma conversa final sobre a importância da mediação de leitura para crianças de terreiro. Mediar a leitura, especialmente sobre os Orixás, é uma tarefa desafiadora, uma vez que envolve a transmissão de ensinamentos vivenciados dentro das casas de candomblé de uma maneira lúdica e religiosa, o que torna esse campo bastante singular e específico.

Nessa conversa final, foram discutidos os aprendizados e reflexões que surgiram ao longo das sessões de mediação de leitura. As crianças tiveram a oportunidade de expressar suas ideias, compartilhar o que aprenderam sobre os Orixás e como esses ensinamentos se relacionavam com suas vidas cotidianas e com a preservação do meio ambiente. Foi um momento de reforçar a importância da leitura como uma ferramenta que pode enriquecer sua compreensão do mundo, suas tradições culturais e sua identidade religiosa.

Além disso, a conversa final também permitiu que as crianças e os adultos presentes no terreiro refletissem sobre como a mediação de leitura pode ser uma ponte entre a cultura religiosa e o desenvolvimento pessoal e social das crianças de terreiro. A leitura não apenas

enriquece seu conhecimento sobre os Orixás, mas também fortalece sua capacidade de se relacionar com o mundo de maneira crítica, sensível e educada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura mediada sempre foi de grande interesse para esta pesquisa. Sempre vimos na leitura um meio pelo qual podemos alcançar um terreno comum, um espaço onde podemos nos conectar com diversos mundos e pessoas. É uma ferramenta para reeducar ideias e formar leitores. A leitura tem a capacidade de nos transportar para imaginações e sensações que não conseguimos alcançar por meio da simples falta de prática de ler. Vemos na leitura um aliado na luta contra a ignorância e, por que não, a desinformação.

Uma das questões centrais desta pesquisa foi observar as crianças de terreiro em atividades que pudessem contribuir para suas vidas futuras. Comparando com algumas religiões, em particular as igrejas protestantes e católicas, sem mencioná-las especificamente por razões éticas de pesquisa, realizamos uma comparação com atividades dominicais. Nessas igrejas, crianças acompanham seus pais aos cultos, principalmente aos domingos, onde há pessoas preparadas para leituras e ensinamentos da Bíblia de forma lúdica para crianças. No entanto, essas atividades geralmente não se preocupam com outros tipos de leitura ou com a formação social das crianças.

Ficou clara a importância da mediação de leitura para as crianças do candomblé, evidenciando seu interesse e entusiasmo a cada sessão. Mediar a leitura sobre os Orixás foi fundamental para fortalecer sua identidade cultural e religiosa. Muitas dessas crianças não tiveram contato prévio com a literatura infantojuvenil afro-brasileira, o que destaca a necessidade de políticas públicas que promovam ações educativas não apenas em ambientes escolares, mas também em contextos religiosos.

A Lei 10.639, que inclui oficialmente o ensino da história e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares, ainda não é plenamente aplicada nas escolas devido a preconceitos relacionados à cultura africana. Esta pesquisa assume um compromisso importante com sacerdotes e adeptos do Candomblé, instando-os a desenvolver práticas de incentivo à leitura e outras atividades culturais em seus terreiros. O Candomblé, como espaço litúrgico e religioso, desempenha um papel formador de opiniões, enfatizando a relevância da leitura como um canal de comunicação que constrói identidade e conhecimento.

A mediação de leitura cria laços religiosos entre as pessoas, transformando-as por meio das histórias de seus antepassados divinizados. Isso torna a prática de leitura, seja

mediada ou não, mais dinâmica e prazerosa. Destaca-se a necessidade de os terreiros e instituições educacionais colaborarem na desconstrução de estereótipos e preconceitos contra as religiões afro-brasileiras. A sociedade atual, cada vez mais digital, frequentemente utiliza a tecnologia para disseminar discursos racistas. Portanto, é fundamental começar na base, no ensino infantil, para que, um dia, as questões raciais possam ser apenas registros nos livros, sem impactos negativos nas vidas das pessoas.

É evidente que há um vasto campo de pesquisa a ser explorado, especialmente no que diz respeito à promoção da leitura e da educação dentro das casas de candomblé. É fundamental reconhecer que as crianças são o futuro e que sua formação é crucial para preservar e fortalecer essa cultura de maneira positiva, autônoma e íntegra. As casas de candomblé precisam se reinventar e buscar formas de incorporar o ensino religioso e educativo como um compromisso sério. Isso envolve formar cidadãos críticos e responsáveis em relação à sua comunidade em todos os aspectos.

A leitura é uma ferramenta poderosa que permite o autodescobrimento e a busca pelo conhecimento. A leitura nos transporta para diferentes lugares e realidades sem a necessidade de nos deslocarmos fisicamente. Recomenda-se que a promoção da leitura seja uma prática comum em todos os espaços litúrgicos, e a pesquisa demonstrou o quão construtivo pode ser mediar a leitura em um terreiro de candomblé. No entanto, também é importante reconhecer que há desafios a serem superados para que essas atividades sejam amplamente realizadas nas casas de candomblé.

O objetivo principal é promover a leitura e valorizar a cultura africana nos espaços religiosos, introduzindo atividades educativas e recreativas. As casas de candomblé têm potencial para serem locais de fomento à leitura e atividades educacionais tão importantes quanto as realizadas nas escolas. No entanto, isso requer o comprometimento dos sacerdotes, pais, escolas, sociedade e, possivelmente, o apoio do poder público.

Em última análise, a mediação de leitura é uma atividade que possui dimensões abstratas, culturais e políticas. É essencial refletir sobre como a mediação de leitura pode contribuir para que as crianças do candomblé compreendam sua importância e significado na construção e fortalecimento de seu desenvolvimento social, tornando-se agentes ativos na preservação de sua cultura e identidade.

A importância da literatura afrocentrada para crianças é inegável e profunda, pois ela desempenha um papel crucial na formação de uma identidade cultural positiva, na promoção da diversidade e na educação contra o racismo e a discriminação. A literatura afrocentrada

apresenta às crianças histórias, personagens e cenários que refletem a rica herança africana e afrodescendente, oferecendo uma perspectiva mais completa e equilibrada do mundo.

A literatura afrocentrada é uma fonte valiosa de conhecimento sobre a cultura africana e afrodescendente. Ela oferece às crianças a oportunidade de aprender sobre música, arte, religião, culinária e outras facetas ricas dessa herança cultural. Histórias cativantes e personagens envolventes na literatura afrocentrada podem despertar o amor pela leitura nas crianças. Isso contribui para o desenvolvimento de habilidades de leitura e alfabetização, que são essenciais para o sucesso acadêmico.

Em resumo, a literatura afrocentrada para crianças é uma ferramenta poderosa para promover a diversidade, a inclusão e a compreensão mútua. Ela capacita as crianças a abraçarem sua herança cultural, a questionarem a injustiça e a celebrarem a riqueza da diversidade humana. Portanto, é fundamental que pais, educadores e bibliotecários incentivem a leitura de livros que representem e celebrem a cultura africana e afrodescendente.

REFERÊNCIAS

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.** São Paulo: Selo Negro, 2009.

BRITO, D.S. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Periódico de Divulgação Científica da FALS.** n.4, v.8, p.1-34, 2009.

CAFIERO, D. **Leitura como processo:** Caderno do Professor. Coleção Alfabetização e Letramento. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

CLIFFORD, J. **Itinerarios transculturales.** Barcelona: Gedisa, 1999.

CORREIA, Paulo P. A Performance do Candomblé: uma encruzilhada no exterior. **Vozes dos Vales,** n. 4, v.2, p.1-16, 2013.

DUARTE, E. A. **Literatura, política, identidades.** Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2005.

JOVINO, I. S. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In. SOUZA, F.; LIMA, M.N. (Org). **Literatura Afro-Brasileira.** Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006

LUFT, G. Práticas leitoras multimídiais e formação de leitores: a leitura como ato criativo, participativo e dialógico. In: **Congresso Internacional Da Abralic,** 12., 2011, Curitiba. Anais... Curitiba: UFPR, 2011.

NASCIMENTO, T. S. **Letramento e tradução no espelho de Oxum**: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014.

NOGUERA, R. **Mulheres e deusas**: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG.; CASTRO, P.A. (Orgs). **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83.

PIRES, R. A.; SOUSA, A. L.; SOUZA, A. L. S. **Afro-literatura brasileira: O que é ? Para quê? Como trabalhar?**. Educom Afro – Publicação da Faculdade de Educação da PUCRS, Viamão, mar. 2005.

SEITZ, E. M. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Florianópolis: Habitus, 2006.

SOARES, M. B. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In ZILBERMAN, R.; SILVA, E.T. **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988.

SOUZA, R. J. **Narrativas Infantis**: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992.

STOREY, J. **Teoria cultural e cultura popular**: uma introdução. São Paulo: Edições SESC, 2015.

TRISTÃO, W. **Conhecendo os Orixás de Exú a Oxalá**. São Paulo: Editora Arole Cultural, 2018.

VERGER, P. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de todos os Santos, no Brasil e na antiga Costa dos Escravos, na África**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

VERGER, P. **Orixás**. São Paulo: Fundação Pierre Verger, 2018

YUNES, E. **Tecendo um leitor, uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymar, 2009.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. 2001

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

ARAÚJO, L. S; MOURA, R. G. Afrocentricidade, Literatura e Transformação Social: Uma Etnografia em uma Casa de Candomblé. **Rev. FSA**, Teresina, v. 21, n. 3, art. 11, p. 224-246, mar. 2024.

| Contribuição dos Autores | L. S. Araújo | R. G. Moura |
|--|-------------------------|------------------------|
| 1) concepção e planejamento. | X | X |
| 2) análise e interpretação dos dados. | X | X |
| 3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo. | X | X |
| 4) participação na aprovação da versão final do manuscrito. | X | X |